

Ontologia Lukácsiana e o Trabalho Educativo

Lukacsian'S Ontology and Educational Labor

Milena Pellissari Bedim^{*a}; Rafael Rossi^a

^aFundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. MS, Brasil.

E-mail: m.p.b_milena@hotmail.com

Resumo

Este artigo se fundamenta na reflexão de Lukács sobre o trabalho, enquanto categoria fundante do ser social e que contribui para o desenvolvimento das demais dimensões da vida humana, como educação, ciência, política, direito, arte. Reflete, assim, sobre o processo educativo por meio desta perspectiva realista ontológica do trabalho, ou seja, o trabalho e o seu caráter humanizador. Considerando o trabalho educativo como o ato da aquisição e da transmissão intencional dos conhecimentos produzidos, historicamente e coletivamente, pelos homens, entende-se que é na escola que se desenvolve esse processo de socialização do conhecimento elaborado. Deixa-se claro que trabalho e educação são dimensões fundantes e humanizadoras do homem e que o ensino promove, de fato, o desenvolvimento psíquico quando prima pela eleição de conteúdos advindos das objetivações humano-genéricas para si, ou seja, conhecimentos obtidos pela atividade histórica do gênero humano, contendo um processo específico de transmissão e aprendizagem e criando vínculos com os conteúdos escolares. Explicita-se, assim, quatro importantes lições da ontologia lukácsiana para o trabalho educativo: a relação entre trabalho e totalidade; o fato de a teleologia apenas existir em ações individuais e não no movimento histórico; a relação entre consciência e objetividade e a importância da perspectiva humanista, a partir da análise contraditória da educação na sociedade atual.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Ensino. Lukács.

Abstract

This article is based on Lukács' reflection on work as a founding category of social being and which contributes to the development of other dimensions of human life, such as education, science, politics, law, art. It therefore reflects on the educational process through this ontological realistic perspective of work, that is, work and its humanizing character. Considering educational work as the act of acquisition and intentional transmission of knowledge produced historically and collectively by men, we understand that it is at school that this process of socialization of elaborated knowledge develops. We make it clear that work and education are fundamental and humanizing dimensions of man and that teaching, in fact, promotes psychic development when it focuses on the election of contents arising from human-generic objectifications for oneself, that is, knowledge obtained through historical activity of the human race, containing a specific process of transmission and learning and creating links with school content. We thus explain four important lessons from Lukácsian ontology for educational work: the relationship between work and totality; the fact that teleology only exists in individual actions and not in historical movement; the relationship between consciousness and objectivity and the importance of the humanistic perspective based on the contradictory analysis of education in today's society.

Keywords: Work. Education. Teaching. Lukacs.

1 Introdução

Este artigo é instrumento por meio do qual se abordam algumas contribuições da obra de maturidade do filósofo húngaro G. Lukács (1895-1971) à pesquisa educacional. Lukács nunca escreveu uma obra específica para tratar da educação. Entretanto, isso não significa que seu pensamento não tenha profundas e valiosas lições para o debate e a investigação nesta área. Sabe-se que Lukács interrompeu a elaboração de sua *Estética* para se dedicar à Ética. Contudo, foi necessária uma “introdução” para explicitar os fundamentos ontológicos do pensamento marxiano. Esta “introdução” ganhou enorme volume, densidade e ficou conhecida como *Para uma Ontologia do Ser Social*.

Na ontologia lukácsiana se tem uma relevante contribuição

que apreende a teoria social instaurada por Marx para além de reducionismos mecânicos, herméticos e dogmáticos e, também, contra pressupostos idealistas que exigem da realidade objetiva possibilidades que essa não oferece concretamente. As reflexões presentes neste artigo são oriundas de tese de doutorado em educação em andamento com intuito de apreender a especificidade do conhecimento científico e da educação para o debate sobre o ensino geográfico.

As ideias contidas na primeira sessão são provenientes da análise imanente realizada a partir do texto *Il Lavoro*, tópico I, primeiro capítulo do segundo tomo da *Ontologia do Ser Social* de Lukács, traduzida por Ivo Tonet. Dessa forma, trata o Trabalho enquanto posição teleológica. Ao longo dessa sessão se verá o trabalho como categoria que funda o ser social e

que as demais mediações são construídas pelo movimento do ser social em sua vida cotidiana. A partir do trabalho surgem novas categorias que se inter-relacionam entre si, tornando a consciência o reflexo do ser social.

A ontologia do ser social deve partir da análise concreta da realidade, em que a relação entre natureza inorgânica, que não dispõe de propriedades para se reproduzir (ar, pressão atmosférica etc.) e a natureza orgânica, que dispõe de propriedades para se reproduzir (animas e vegetais) é indispensável para pensar na evolução do ser social. Portanto, a natureza inorgânica e a natureza orgânica constituem as condições concretas para o caminho da evolução.

O conceito de objetivação, em Lukács (2013), precisa ser compreendido enquanto práxis que instaura um efetivo pôr teleológico. Nesse sentido, o pôr teleológico primário foi instaurado com a capacidade humana em efetivar atos de trabalho, como se demonstrará, em uma articulação inteiramente nova entre consciência e realidade. Com efeito, novas práxis passam a se desenvolver em função do pôr teleológico primário. Nessas demais práxis, Lukács (2013) as denominará pores teleológicos secundários, em que a relação indivíduo e sociedade se desenvolve. Estas reflexões, por sua vez, são indispensáveis para se repensar criticamente o trabalho educativo, em função das autênticas necessidades formativas dos seres humanos, visando seu desenvolvimento e aprofundamento de concepção de mundo em face dos conhecimentos clássicos.

Entende-se que uma das mediações construídas pelo movimento do ser social a partir do trabalho é a Educação. Por esse motivo, a segunda sessão conduz à reflexão do trabalho educativo atrelado à própria história do desenvolvimento humano. Compreender como se produziu, historicamente, a separação entre trabalho e educação é fundamental para compreender que o homem não nasce homem, ele aprende a ser homem, aprende a produzir sua própria existência. Por isso, “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo” (Saviani, 2007, p.155). A educação em sua forma escolar, então, possui como objetivo disponibilizar um conhecimento específico e sistematizado, amparado pelas máximas conquistas culturais já alcançadas pela humanidade nas esferas da Ciência, da Arte e da Filosofia.

As considerações finais levam a compreender que entre a educação e o trabalho se tem a totalidade, mas que o momento predominante será sempre o trabalho. Dessa forma, reforça-se também a concepção de homem, educação e sociedade, em que o trabalho é categoria fundante e humanizadora do homem, assim como o trabalho educativo, que deve partir da aquisição/transmissão dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado, primando sempre pelo desenvolvimento omnilateral dos indivíduos.

2 Material e Métodos

Para alcançar o objetivo deste artigo, que é compreender a relação entre Trabalho e Educação, no sentido de desvelar o objeto estudado é fundamental lançar mão de um procedimento metodológico. Nesse caso, o método é a teoria social de Marx e a perspectiva ontológica do Ser Social de Lukács (2018) e como ferramenta metodológica a Análise Imanente (Lessa, 2014). Como teoria educacional se opta, nesta pesquisa, pela Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani; Duarte, 2012).

É necessário ressaltar que Teoria é uma forma de conhecimento. “O conhecimento teórico é o conhecimento do objeto - de sua estrutura e dinâmica - tal como esse é em si mesmo, em sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador” (Paulo Netto, 2011, p.20). Todo grande pensador seminal – aquele que lança as bases de uma concepção teórica - de uma tendência metodológica significativa, sendo uma voz individual, resultado das suas experiências, vocaliza os interesses e as aspirações de um grupo, segmento ou classe social (Paulo Netto, 2016). Nesse sentido, deseja-se vocalizar os interesses da classe trabalhadora, em prol de uma escola pública, gratuita e de qualidade e de uma formação de professores que desvele o movimento real da sociedade em que se vive, pois se quer uma educação que lute contra a alienação.

Parte-se, então, do seguinte questionamento: qual a relação do Trabalho enquanto categoria fundante do ser social e a Educação Escolar? Para compreender sobre o processo de autoconstrução humana e de construção da própria Educação, a Análise Imanente irá corroborar para uma leitura significativa e profunda do texto, assim é possível apreender as principais concepções dos autores, sem distorcer seus pensamentos e definições, explicitando a especificidade da sua concepção teórica (Lessa, 2014, p.72).

A nossa reação subjetiva em relação ao texto não tem nenhuma importância. O que importa é o que o texto contém, quais as suas ideias principais, como articula os argumentos etc. O que o texto, em si mesmo, objetivamente contém é o que importa – e não como a ele reagem nossas individualidades.

É decisivo e de suma importância retirar de cada parágrafo a essência desse, a informação fundamental, a razão pela qual o autor a redigiu. Considerando, ainda, que essa ideia deve ser anotada da forma mais clara e resumida possível, sem deturpar o raciocínio do autor (Lessa, 2014). Para este artigo foi realizada a Análise Imanente do texto *Il Lavoro*, tópico I, primeiro capítulo do segundo tomo da *Ontologia do Ser Social* de Lukács, traduzida por Ivo Tonet, 1981.

3 Resultados e Discussão

3.1 Trabalho e desenvolvimento humano em Lukács

Lukács (1981) argumenta que o ser social – humanidade – representa um “salto ontológico” perante o ser meramente orgânico. Certamente, não seria possível a existência do ser

social sem as determinações biológicas, físicas e químicas inerentes ao ser orgânico. Contudo, o salto ontológico indica uma mudança qualitativa, estrutural e, portanto, com uma característica nova. O ser orgânico é capaz da produção da vida, todavia, as modificações que animais, por exemplo, imprimem à natureza são marcadas por condicionantes biológicos. No âmbito do ser social, a transformação que os seres humanos exercem sobre a natureza implica, necessariamente, a incessante produção do novo: novos atos de trabalho, novos conhecimentos, novas habilidades, novas técnicas, novas ideias, novos valores etc.

Esta dinâmica, por sua vez, se baseia na capacidade humana em efetuar atos de trabalho. É preciso esclarecer que se está referindo ao trabalho, enquanto transformação da natureza para o atendimento de uma necessidade social real e, por isso mesmo, não se trata de alguma forma específica de trabalho como relação de assalariamento, servidão ou escravidão.

O trabalho é um processo entre o homem e natureza, que por sua própria ação media, controla, regula seu organismo com a natureza. Portanto, o trabalho é uma forma de humanização do homem e toda atividade que pertence, exclusivamente, ao homem se objetiva como práxis social, porém o trabalho se configura como seu modelo. Considerar o trabalho de forma isolada é realizar uma análise de abstração, e a sociabilidade, o trabalho e a linguagem não ocorrem de forma isolada, mas sim, de forma simultânea. Sendo assim, estas formas de abstração só fazem sentido quando ligados diretamente ao trabalho, pois são uma consequência ontológica direta desse.

Essa é uma *primeira lição* para o trabalho educativo: a relação entre trabalho e totalidade. O ser social é formado por uma totalidade, ou como Lukács (1981) explica um “complexo de complexos”. Entretanto, toda forma de sociabilidade estará sempre baseada em uma forma típica de trabalho. Então, para compreender a educação em qualquer uma de suas dimensões, precisa-se considerar, também, a interação que essa exerce com a totalidade social e o próprio trabalho.

O autor enfatiza o mérito de Engels ter colocado o trabalho no centro da humanização do homem, além disso, evidencia a mão como a primeira ferramenta do trabalho, possibilitando um salto ontológico do animal ao homem, uma vez que o salto ontológico é sempre uma mudança qualitativa e estrutural do ser, sendo uma incessante produção do novo e argumenta que o trabalho é concebido no sentido mais universal, fundamental para a produção da vida material e para a reprodução da vida humana.

O trabalho é concebido de uma forma que pertence exclusivamente ao homem e o homem expressa sua capacidade de projetar, em seu pensamento, o próprio trabalho que possui uma finalidade. Assim, por meio do trabalho se realiza uma posição teleológica, que é a capacidade que o ser social tem de colocar, em seu pensamento, aquilo que ele fará, ou seja, se estabelece a utilidade social do trabalho e sua finalidade, isto é, o trabalho como modelo da práxis social, determinada

na relação do homem com a natureza. Logo, no trabalho se tem o ato de pensar e o ato de produzir e através desses são constituídas outras dimensões sociais (Educação, Arte, Política, Ciência etc.).

Desse modo, o trabalho possui estatuto ontológico central de práxis social. Fora da práxis humana não existe teleologia e toda e qualquer atividade humana é sempre atividade de um pôr teleológico, começar pelo trabalho é identificar a gênese do primeiro pôr teleológico, o metabolismo da relação homem-natureza. Em outras palavras, a conexão entre a práxis humana e a consciência gera conhecimento, na qual as formas de trabalho se materializam, em que o trabalho é mediação de primeira ordem e as demais mediações são construídas pelo movimento do ser social. Sendo assim, só é possível falar em ser social se compreende-se que a sua gênese se encontra no trabalho, na contínua realização de atividades teleologicamente orientadas.

Tem-se uma *segunda lição* relevante oriunda da ontologia lukácsiana para o trabalho educativo. O movimento da sociedade e da própria história humana não possuem teleologia. As dificuldades, por exemplo, que são enfrentadas com as condições de trabalho docentes, formação de professores, currículos etc. não foram elaboradas por qualquer potência transcendental e nem estava “escrito para acontecer”. Todas as possibilidades e entraves que a educação enfrenta precisam ser analisadas em face do processo histórico real e concreto. São as ações humanas enquanto totalidade social que permitem o desenvolvimento de cada complexo/dimensão social, incluindo aqui, a própria educação.

Por exemplo, constituir a teleologia como categoria apenas do trabalho resultou em consequências filosóficas bastante amplas, pois na história da filosofia sempre houve disputas intelectuais entre causalidade e teleologia. Marx, com sua teleologia do trabalho, evidencia uma existência concreta, real e necessária entre causalidade e teleologia, essa mobilidade fundada na interação entre estes opostos produz agora, um movimento posto pelo próprio sujeito. Dessa forma, Lukács afirma que a natureza não se transforma sozinha, não existe um ser-em-si dos elementos inorgânicos (pedra, pressão atmosférica, vento, água etc.), o que converte um projeto ideal em realização material é o poder do pensamento e da vontade humana. O pensamento humano é que organiza material e fundamentalmente os elementos naturais de uma forma totalmente nova.

Entretanto, o autor afirma que para se compreender o trabalho é necessário separar esses dois atos: a posição dos fins e a busca dos meios. É nessa distinção de atos que se revela a inseparável ligação das categorias causalidade e teleologia. Assim, Lukács cita que a busca dos meios para realizar o fim não pode deixar de implicar um conhecimento objetivo. Essa busca tem dupla função: primeiramente, evidenciam-se as características dos objetos, independentemente da consciência do ser e, em seguida, são descobertas novas possibilidades e funções com a interação da causalidade e da teleologia. Por

exemplo, o homem só consegue efetuar um ato de consciência se reconhecer corretamente o nexo entre as propriedades dos elementos naturais (pedra, madeira etc.) e a possibilidade de seu uso concreto. Pelo desenvolvimento do trabalho, esta situação se torna cada vez mais evidente. Desse modo, pela força da natureza é possível surgir novos objetos naturais, sem haver transformações internas; porém, o homem, por seus atos de trabalho, pode a partir das propriedades da natureza criar combinações completamente novas, atribuindo funções inéditas à natureza.

Assim, o autor afirma que a simples subordinação dos meios ao fim não é tão simples. A realização ou o fracasso da busca da finalidade depende da busca dos meios, se baseia em transformar a causalidade natural em causalidade posta. A finalidade tem origem nas necessidades sócio humanas, mas para que se torne genuína é necessário que o conhecimento sobre a natureza seja compatível a esses meios, caso contrário, a finalidade será utópica, ilusória, irreal. E conhecer a natureza é indispensável para o trabalho, porque o aperfeiçoamento na experiência laboral está concentrado na preparação dos meios, sendo os instrumentos de trabalho que garantem a evolução histórica no interior dos complexos reais do ser social. Nesse sentido, as satisfações imediatas (fome, frio, sede etc.) são esquecidas, porém o instrumento de trabalho se conserva. O homem, mesmo que submetido à natureza para alcançar seus objetivos, a domina e a transforma a partir de suas ferramentas.

Lukács argumenta que se trata da relação homem e natureza, em que as formas de trabalho se materializam, inclusive, a partir dos instrumentos de trabalho. O homem confere aos objetos de uso a satisfação de suas necessidades sociais humanas, utilizando novos materiais e aperfeiçoando os atos de trabalho, configurando um processo de afastamento das barreiras naturais. Por exemplo, a busca incessante do homem, em atender suas necessidades práticas, fez com que se elevassem a um nível maior de abstração as aquisições do trabalho. A busca dos meios durante a preparação e execução do trabalho desenvolveu o pensamento cientificamente orientado. Os processos de construção mediativos, que ocorrem na vida cotidiana, se ligam diretamente às experiências, aos métodos e aos resultados do trabalho, impulsionando a história das ciências.

Logo, o homem, resultado das formas de ser tanto inorgânicas quanto orgânicas, surge mediante sua práxis e seu trabalho em um nível particularmente novo, mais complicado e mais complexo, denominado ser social. Lukács explica que, compreendido dessa maneira, o trabalho ganha status sem precedentes como categoria que funda o ser social. É somente a partir do trabalho, na busca dos meios para a sua realização, e no intuito de satisfazer suas necessidades que o homem consegue a consciência dirigida para ir além da mera adaptação ao ambiente. Ora, o autor argumenta que no trabalho se tem uma relação direta com a objetividade da natureza e toda descoberta de novas combinações vai se desenvolver a partir dessa relação. Pelo trabalho, então, é

possível obter conhecimento sobre a natureza e estabelecer novas organizações a partir dos elementos naturais. Esse é o estágio inicial para comprovar que o trabalho é o centro da humanização do homem.

Lukács afirma que somente quando a separação entre sujeito e objeto se torna consciente é que o produto do trabalho se efetiva. Se o homem não fosse capaz de observar e reproduzir o mundo através de sua própria consciência, não teria realizado nem as formas mais primitivas de trabalho, pois sem a consciência não há o estabelecimento de finalidades. Logo, é a partir do ser social que a realidade é refletida. A consciência nem sempre reflete a realidade de forma fidedigna, pois esta está sempre determinada pelas finalidades, porém é através desse reflexo que o ser social tem possibilidades para constituir novas objetividades e para a reprodução social da vida no mesmo nível ou em nível mais elevado. Eventualmente, a contradição ontológica do reflexo é que este possui potência de ser e de não ser. Ao mesmo tempo em que pode elevar o ser social a níveis mais altos, pode também não o elevar.

Dessa forma, Lukács explica que o trabalho, enquanto categoria, que funda o ser social é a chave para compreender o fenômeno de desenvolvimento do ser-homem, a partir de um salto ontológico, que ocorre na vida cotidiana pelas posições de finalidade, bem como a conexão entre a consciência e a realidade refletida, a partir do estabelecimento de finalidades no processo de trabalho, possibilita que o ser social realize escolhas e crie alternativas que se tornam adequadas ou não para as suas finalidades pretendidas.

Nesse caso, Lukács afirma que toda atividade teleologicamente orientada deve estar baseada em um reflexo correto da realidade, caso contrário, os possíveis instrumentos de trabalho (pedra, madeira, etc.) não passarão da sua simples condição de ser natural e que o ato de tomar decisões e criar novas cadeias de alternativas ocorre dentro do processo de trabalho, através do exercício e do hábito, gerando reflexos condicionados que possibilitam o desenvolvimento da humanidade e de cada indivíduo.

A posição que funda, tanto o fim quanto os meios, para tornar real a atividade humana, para levar a bom termo determinada coisa e executá-la de acordo com aquilo que se pretende, perpassa pela prévia-ideação, ou seja, deve existir primeiramente na abstratividade e à medida que o homem realiza seu trabalho de transformação da natureza, realiza-se o salto, e o caráter social da produção se desenvolve, as alternativas assumem formas cada vez mais diversificadas e diferenciadas.

Por exemplo, um instrumento de trabalho passa da mera possibilidade à realidade, porque existe determinada pessoa ou um coletivo de pessoas que põem em movimento a execução material deste instrumento a partir do trabalho, ou seja, a posição teleológica será sempre determinada pelo ser social. Certamente, a posição teleológica não diz respeito somente às condições que a precedem, mas sim, estabelece a

utilidade social do trabalho e sua finalidade em determinada formação sócio-histórica, ou seja, considera a totalidade destes atos e suas inter-relações com determinada sociedade. Ademais, é dentro do processo social real que ocorrem as finalidades, a busca e aplicação dos meios para as alternativas que realmente podem ser realizadas e é a partir da consciência que o ato da alternativa, da decisão ou da escolha se efetiva, nesse momento ganha forma a função ontológica real, assim se diferencia a consciência condicionada apenas biologicamente (animal) da consciência humana.

A explicação lukácsiana da relação entre consciência e realidade também é vital como uma *terceira lição* para o trabalho educativo. A consciência humana possui uma autonomia relativa perante a objetividade. Isto significa: 1º) que, ao contrário do materialismo mecanicista, a consciência possui um papel ativo para a transformação do real e; 2º) ao contrário do idealismo, que confere à consciência uma autonomia absoluta, para Lukács (1981) é imprescindível o exame, mais correto possível, da objetividade.

Em outras palavras: a consciência precisa apreender o movimento real do objeto (neste caso a educação) como esse é em si mesmo, para além de preferências, anseios ou desejos. Entretanto, os obstáculos, limites e oportunidades para a subjetividade atuar não são delimitados por essa mesma, mas sim pela objetividade em toda sua natureza contraditória e processual.

O trabalho revela que a práxis social só se efetiva a partir de finalidades socialmente determinadas, mas para isso ocorrer é necessário que o movimento da natureza seja compreendido e posto como posição pelo homem. Nessa relação recíproca, entre homem e natureza, nascem novas categorias, que são priorizadas na análise ontológica.

O autor argumenta, também, que é a partir do pôr teleológico primário (aquele que visa diretamente transformar a natureza) que surgem as novas categorias, como pôr teleológico secundário, pois o trabalho provoca mudanças no próprio indivíduo, gerando produtos de estágios mais evoluídos, mas que possuem ainda fundamento ontológico no trabalho simples. Evidentemente, o primeiro impulso para o estabelecimento de finalidades nasce da vontade de satisfazer uma necessidade e o trabalho é elemento mediador, no qual se evidencia a natureza marcadamente cognitiva do homem, através do comportamento consciente, possibilitando o sujeito desenvolver atividades teleologicamente orientadas.

Sendo o trabalho fundamental para a produção da vida material e para a reprodução da vida humana, pois uma vez acumulada as experiências de trabalho e fixadas pelo sujeito, outras novas experiências podem ser criadas a partir de novos atos. Além disso, Lukács afirma que o homem que trabalha é obrigado a ter consciência de suas emoções, pois é imprescindível para o sucesso do trabalho, que o homem tenha domínio sobre si mesmo. Portanto, o ser social é fundado a partir da premissa de autodomínio do homem sobre si mesmo,

da incessante produção no novo para realizar os próprios fins que se impôs no trabalho, de maneira conscientemente orientada e biologicamente posta.

É graças ao trabalho que a educação pode existir, pois é em função desta atividade de modificação intencional da natureza que são originados conhecimentos e habilidades que irão compor o patrimônio histórico e cultural da humanidade em seu sentido amplo.

3.2 Trabalho, educação e escola

Ao longo do desenvolvimento humano surgiu a esfera da sociabilidade, em que a educação “adquire real significado como objeto da reflexão ontológica somente quando analisada como um dos complexos que compõem o ser da sociedade” (Duarte, 2012, p. 38). Como bem explicado por Lukács, o homem não nasce homem, ele produz continuamente sua existência, não se adapta à natureza, ao contrário, a transforma para que essa se adapte a ele. E esse movimento ocorre pelo trabalho.

Nesse sentido, concorda-se com Saviani (2021, p.11), quando explica que assim como o trabalho, a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, na qual a “compreensão da natureza da educação passa pela compreensão da natureza humana”. Sendo o trabalho uma ação intencional, a educação também o é, porque dizer que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos é, ao mesmo tempo, exigência do e para o processo de trabalho, e um processo de trabalho. E essa afirmação é clarificada analisando a história da educação atrelada à própria história do desenvolvimento humano.

Isso quer dizer que trabalho e educação se configuram em uma relação de identidade, “enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da continuidade da espécie” (Saviani, 2007, p.157). Transformando a natureza e estabelecendo relações sociais, o homem se educa e educa seus sucessores. Saviani (2007) ainda chama a atenção ao fato de que nas sociedades primitivas a apropriação dos conhecimentos experienciados ocorria de forma totalmente coletiva, em que educação não significava preparação para a vida como nos dias atuais, mas sim, era a própria vida.

Observa-se assim, que Saviani (2007, p.155) evidencia os fundamentos histórico-ontológicos da relação trabalho-educação:

fundamentos históricos porque referidos a um processo produzido e desenvolvido ao longo do tempo pela ação dos próprios homens. Fundamentos ontológicos porque o produto dessa ação, o resultado desse processo, é o próprio ser dos homens.

Dessa forma, a natureza da educação se constitui no processo de produção da existência humana, implicando em sua subsistência material e, conseqüentemente, na produção do novo sempre em escalas cada vez mais complexas.

Entretanto, Saviani (2007, p.155) explica que:

o desenvolvimento da produção conduziu à divisão do trabalho e, daí, à apropriação privada da terra, provocando a ruptura da unidade vigente nas comunidades primitivas.

Nesse sentido, nas sociedades de classe a relação entre trabalho e educação tendem a se apresentar de forma separada entre escola e produção. Segundo Saviani (2021, p.156):

a educação dos membros da classe que dispõe do ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho,

Eis a contradição que se vive:

O capitalismo inaugura a era em que a Educação escolar passa a ser a forma dominante de formação dos seres humanos, ao mesmo tempo isso se dá num processo histórico concreto em que as relações sociais de dominação não permitem a plena democratização do acesso ao saber produzido pela humanidade (Saviani; Duarte, 2012, p.44).

Nesse sentido, acredita-se que para acabar com as desigualdades educacionais é necessário acabar com o trabalho alienante. Porque o fato é que, das sociedades mais antigas até as sociedades mais atuais, a educação é parte fundamental da humanização do homem, pois assim como o trabalho, essa é uma dimensão adequada às finalidades, ou seja, é uma ação intencional, que para Saviani (2021, p. 13):

o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (Saviani, 2021, p.13).

Assim:

O objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani, 2021, p.13).

O que se quer deixar claro é que “a disponibilização do legado cultural representa o cerne da tarefa educativa” (Martins, 2021, p.98) e que o ensino promove, de fato, o desenvolvimento psíquico quando prima pela eleição de conteúdos advindos das objetivações humano-genéricas para si, ou seja, conhecimentos obtidos pela atividade histórica do gênero humano, contendo um processo específico de transmissão e aprendizagem e criando vínculos com os conteúdos escolares. Muito distante das objetivações humano-genéricas em-si, que primam somente pelas vivências do cotidiano, apropriações espontâneas e assistemáticas, uma vez que:

Aprender a ler, escrever e contar, e dominar os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação pelo trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade (Saviani, 2007, p.160).

Por fim, uma *quarta lição* importante que o estudo da ontologia lukácsiana e da pedagogia histórico-crítica fornece

se relaciona ao aspecto contraditório da educação na atual forma de sociabilidade regida pelo capital. A educação sozinha não será capaz de possibilitar uma transformação qualitativa da sociedade, na qual as autênticas necessidades humanas estejam em primeiro lugar e não as necessidades e demandas mercadológicas. Contudo, contraditoriamente, atuar em uma perspectiva humanista, na pesquisa educacional e na educação escolar, está na valorização crítica dos conhecimentos clássicos das ciências, das artes e da filosofia, pois são estas objetivações intelectuais elaboradas que possibilitarão um entendimento da realidade da natureza e da sociedade para além de suas camadas mais aparentes e imediatas.

Por esse motivo, também, entende-se que a educação não se reduz ao ensino, o ensino é um dos aspectos da educação. E esse ensino ocorre na escola, porque a escola é uma instituição cuja função consiste na socialização do saber historicamente produzido pelo homem, saber este sistematizado. “A escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular” (Saviani, 2021, p.14). Assim, não se pode perder de vista a atividade nuclear da escola, na qual o trabalho educativo deve se organizar para propiciar a transmissão e aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao conhecimento elaborado/científico.

4 Conclusão

Na primeira sessão, com as reflexões de Lukács, deixa-se claro que o trabalho é categoria fundante do ser social e suas múltiplas dimensões. O trabalho é genuinamente humano, é através dos atos de trabalho que, historicamente, os indivíduos se formam e se transformam de seres orgânicos em seres sociais, ou seja, os modos humanos de agir transformando a natureza em prol de satisfazer as necessidades é a forma mais genuína de trabalho e contribuiu para a evolução do ser humano.

O trabalho possui caráter humanizador, sendo no modo de produção capitalista que o trabalho perdeu seu sentido humanizador de forma mais ostensiva, porque as relações capitalistas transformam o que seria humanização em alienação, a partir do momento em que existe a separação entre trabalhador e o produto de seu trabalho. Essa alienação proveniente dessa divisão social do trabalho torna o trabalho empobrecido e, conseqüentemente, não colabora para o enriquecimento do desenvolvimento humano. Por esse motivo, compreender o trabalho, em sua gênese, é tão importante, pois permite analisar os processos historicamente concretos da formação do ser humano e de como esses processos vão definindo a vida social e suas atividades humanas específicas, como por exemplo, a atividade educativa.

Sendo assim, na segunda sessão destes escritos se enfatizou que a educação está diretamente relacionada à organização social em suas distintas relações, tempos, conflitos, continuidades e descontinuidades. Assim, o trabalho

educativo é o ato da aquisição e transmissão intencional dos conhecimentos produzidos historicamente e coletivamente pelos homens. E é na escola que se desenvolve esse trabalho de socialização do conhecimento elaborado.

Explicitam-se quatro importantes lições da ontologia lukácsiana para o trabalho educativo: 1) a relação entre trabalho e totalidade; 2) o fato da teleologia apenas existir em ações individuais e não no movimento histórico; 3) a relação entre consciência e objetividade e, 4) a importância da perspectiva humanista a partir da análise contraditória da educação na sociedade atual. Espera-se que os estudos sobre a obra do filósofo aqui em discussão possam se expandir no âmbito da pesquisa educacional para que se possa superar compreensões mecanicistas e antidualéticas a respeito do pensamento marxiano e, também, possa-se contribuir com a defesa da perspectiva humanista na pesquisa e no ensino.

Referências

- DUARTE, N. Lukács e Saviani: a ontologia do Ser Social e a Pedagogia Histórico-Crítica. SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica e educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2012.
- LUKÁCS, G. Il Lavoro. In: Per una Ontologia dell'essere sociale. Roma: Riuniti, 1981, p.11-131.
- MARTINS, L.M. Escola e conhecimento. Rev. Gesto-Debate, v.21, n.6, p.97-106, 2021.
- MARSIGLIA, A.C.G. A prática pedagógica histórico-crítica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Campinas: Autores Associados, 2011.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Rev. Bras. Educ., v.12, n.34, 2007. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>
- SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica e educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2012.
- SAVIANI, D. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 2021.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2021.